

Apresentação do autobiografado

Muitas vezes me ocorreu ou amigos me sugeriam que escrevesse uma autobiografia, mas eu sempre recusava. Dizia que me faltava tempo, algo que é tão precioso quando envelhecemos. Ou que eu tinha ainda muita coisa para escrever e fazer, que não sou um bom contador de histórias, que meu mundo é mais o mundo das ideias do que o da política. É claro que alguns escritores maiores são capazes de ser ao mesmo tempo particulares e universais. Antonio Candido mostrou isso muito bem na homenagem que fez a Pedro Nava; este, em sua autobiografia, uniu o pessoal e o universal e produziu uma obra literária maior.¹ Foi também por essa razão, porque não sou um escritor, mas um economista ou economista político, que resisti a embarcar neste projeto autobiográfico. Mas afinal, quando João Villaverde e José Marcio Rego me propuseram fazer uma autobiografia através de entrevistas, concordei. Achei que desta forma o tempo que eu dedicaria ao projeto seria pequeno. Me enganei. Depois de feitas e transcritas as entrevistas, tive um enorme trabalho para revisar, ordenar e, algumas vezes, completar o que eu havia dito. Mas estou satisfeito com o resultado. Acho que temos aqui um bom livro.

Esta é uma autobiografia intelectual e política. Falo também da minha vida pessoal e familiar, mas pouco. Não tenho boa memória para essas questões. Tive a sorte de me casar com uma companheira ótima; construímos uma bela família, quatro filhos e onze netos. Realizei de forma satisfatória os objetivos a que me propus quando jovem, e o papel de Vera Cecília foi fundamental nessa boa luta que pode ser a vida quando trabalhamos duramente e temos sorte.

Nesta autobiografia vou falar mais do que fiz nos diversos governos dos quais participei e das teorias econômicas e políticas que desenvolvi. Sou um apaixonado por teorias que sejam simples e comprováveis, e tenho algum talento para o pensamento abstrato que é essencial para que elas façam sentido e nos ajudem a pensar. Acredito que o pensamento é capaz de realizar rupturas, mas, como diz Paul Ricoeur, o novo, as novas ideias e as novas instituições têm sempre como cenário de fundo o passado, o já pensado e já

vivido.² Ao pensarmos nós temos que considerar a realidade observada e as explicações para elas: é isso que faz a ciência; mas precisamos levar em conta os nossos valores morais, que não podem ser submetidos às ciências sociais. Podemos e devemos colocar as religiões e as ideologias como objetos de nosso estudo, podemos estudar a sociologia do conhecimento, mas os valores e as crenças têm uma autonomia que lhes é própria, que testemunham a nossa liberdade. Jamais me contentei com a simples afirmação de valores e princípios morais, mas é claro que são importantes e exigem nosso compromisso pessoal para com eles. Não considero que os intelectuais devam construir utopias e definir simplesmente a partir da razão as regras da vida social. Eu sempre quis compreender como nossos valores e objetivos maiores foram socialmente definidos e como é possível realizá-los a partir da nossa vida em sociedade, da nossa experiência, dos nossos princípios morais e do nosso conhecimento científico. Para mim, o pensamento jamais é gratuito. O conhecimento tem sempre um objetivo pragmático: orientar a ação para o interesse público ou o bem comum. Meu compromisso com as ciências sociais é, portanto, um compromisso moral. Eu naturalmente sempre busquei atingir meus objetivos pessoais, mas rejeito o individualismo, que para mim é a doença da modernidade, e defendo o republicanismo e o socialismo democrático — duas ideologias solidárias que limitam a dureza da busca do poder, que é própria dos humanos, e da implacável competição que define o capitalismo. Os homens não foram ainda capazes de construir uma forma de organização social superior ao capitalismo, mas estou seguro que cidadãos republicanos, capazes de privilegiar o interesse público mesmo quando ele conflita com seus interesses particulares, e socialistas, que acreditam na possibilidade de construir instituições solidárias, construirão um capitalismo melhor — sociedades nacionais em que o progresso ou o desenvolvimento humano foi mais longe.

Nesta autobiografia por entrevistas meu compromisso com o leitor é o compromisso com a verdade. Não com a verdade em si mesma, que não existe, mas com a verdade honesta e franca que eu possa alcançar ao contar minhas histórias, minha ação na vida pública, minhas ideias. Esta é uma autobiografia política, porque embora nunca tenha me candidatado, exerci funções políticas. É uma autobiografia intelectual, porque minha vida foi sempre a de um professor e um intelectual. Intelectual público que não hesita em se comprometer com a realidade embora esta raramente seja tão bela como queríamos que fosse. É a história de um pensamento que foi evoluindo e se tornando mais abstrato, mas, dialeticamente, sempre voltado para a ação. É a história de um trabalho firme e uma busca incessante que deram e conti-

nuam dando sentido para a minha vida. Tornou ela o mundo melhor? Muito pouco, mas fez minha vida melhor.

Agradeço aos meus dois entrevistadores. Eles foram ótimos. Mostraram já conhecer muita coisa da minha vida e da minha obra para fazer suas perguntas. Agradeço a Cecília Heise, que sempre revisa meus trabalhos. E agradeço a minha mulher, Vera Cecília, que, além de me apoiar em tudo, ainda que criticamente, ajudou-me a revisar esta autobiografia fazendo ela própria sua revisão.

Luiz Carlos Bresser-Pereira